



Universidade de Brasília Unb. Instituto de Letras IL. Departamento de Teoria
Literária TEL.

Contribuições Fundamentais para a Ficção Científica em Stanislaw Lem.

Hércules Souza Teixeira.

Professor orientador: Henryk Siewiersky

Brasília, Agosto de 2012.

Resumo.

O presente trabalho é constituído por análises de modelos da produção de Ficção Científica (FC) e ensaios de Stanislaw Lem comparados aos grandes nomes do gênero, sua história, suas gerações e características bem como similaridades e diferenças com o estilo de Lem. A meta foi desenvolver uma crítica aos modelos de literatura nesse campo e definir quais são os moldes que caracterizam os clássicos e suas contribuições para a consolidação do gênero. Foram selecionados obras críticas, monografias e ensaios sobre o tema a fim de focalizar os elementos principais da FC e explicar algumas terminologias essenciais para o estudo deste gênero literário tão singular.

Abstract

The present paper concerns itself with analyzing Stanislaw Lem's Science Fiction (SF) works and essays in comparison to some of the genre's greatest authors, exploring their differences and similarities in style as well as providing an overview of the genre's history and characteristics. The main objective is to develop a critique of the genre's literary models as well as to identify in the classical works their defining traits and their overarching contribution to the consolidation of the genre. Some critical essays and articles have been selected in order to illustrate the main elements of SF and some of its terminology, which is essential to the study of this unique literary genre.

Introdução:	5
O Gênero:	7
Análise das obras de Lem:	15
Considerações finais	21
Bibliografia:	24

Introdução:

O presente estudo teve por meta,primeiramente,apresentar uma explanação básica e geral sobre a história da ficção científica apenas para termos fontes de comparação e referência para as obras de Lem e seus elementos. Seguiram alguns nomes que formaram a suma obra digna de literatura de primeira categoria do gênero da Ficção Científica (FC), como seus percussorese percussoras e outros nomes que marcaram seus nomes no gênero e que assim como Stanislaw contribuíram para a consolidação do mesmo como uma literatura de qualidade.

Sobre a linha dos grandes escritores e escritoras e análise dos elementos e do período de produção da obra de Lem é que se formou a pesquisa, utilizando também das críticas conceituais de alguns autores que trabalharam o gênero, inclusive alguns pontos sobre divisões em categoria de FC feitos pelo próprio Lem na obra *microworlds* (1984). Apesar destas divisões e definições do gênero literário nunca serem totalmente adequadas para abarcar a completude dos contextos tanto em obras mais extrapoladas para futuros distantes ou especulações de problemas da atualidade, como a dominação mundial pela indústria farmacêutica, esta temática é uma das mais recorrentes nas obras dos grandes clássicos mais contemporâneos de Stanislaw Lem, como em Orwell e Burgess.

Fez-se uso de alguns termos como elementos ‘contrafactuais’, que seriam todos os fatos da narrativa que se chocam com a nossa realidade, enas descrições do *topos* da realidade sugerida nas obras, como as pseudo-utopias e distopias apocalípticas que descrevem o ambiente da narração. como explica Eco no trabalho de Piassi e Pietrocola (ECO, apud. PIASSI & PIETROCOLA. 2008).É fato que são elementos presentes em todos os temas recorrentes entre todos nomes de obras que marcaram o gênero como verdadeira literatura. Estes elementos são os que melhor retratam a sociedade moderna, em seus aspectos sociais sendo alterados pela realidade virtual ou outros adventos tecnológicos ou farmacológicos, sendo estes últimos, como já mencionado, mais recorrente como em Laranja Mecânica e Admirável Mundo Novo e também na obra O Incrível Congresso de Futurologia, esta junto com Solaris escolhida para o presente estudo.

Em geral toma-se, por Ficção Científica, equivocadamente, o modelo apresentado em obras cinematográficas e outras séries de bolso que se preocupam mais com sua rentabilidade e seu sucesso de mercado (*space operas*), do que com a qualidade literária. Não é esse tipo de material que teremos ao analisar as obras de Lem, preocupadas em seu cerne com as revoluções de conhecimento e do conflito social entre o homem e seu meio em frenético processo de transformação. É importante frisar que enquanto quase toda produção de FC era apenas um *bang bang* de raios laser, nosso autor em questão produzia romances de inquietação sobre o existencialismo e os veículos de dominação totalitaristas, análises muitas vezes irônicas e de um humor ácido de quem viveu o período de guerra e presenciou tais atrocidades, sendo perseguido e seu pai um renomado físico recrutado para trabalhar para o III Reich. Seu estilo bem como sua própria definição do gênero vão de encontro a esse tipo de obra que fez a imagem do gênero. É esse o ponto de diferença maior, uma contraposição dos elementos das obras de Lem frente aos outros escritores e escritoras do gênero, anteriores e contemporâneos que superaram a FC de mero deslumbre para com grandes invenções para construir a narrativa das alterações sociais produzidas pelas novas relações entre o indivíduo e sua sociedade em constante modernização.

Foram abordados exemplos dos elementos futuristas, discorrendo sobre suas apresentações e possíveis aceitações ou rejeições pelos personagens e seus processos de choque de realidades e adaptação aos novos padrões. Dissertaremos também sobre utopias e distopias em caráter social e individual, níveis muito bem definidos em cada obra na abordagem das divisões da FC. Por fim preciso esclarecer que o presente trabalho não abarca toda obra de Lem que quase não tem disponibilidade de traduções para o português, mas sim suas obras mais difundidas no Brasil.

É nesse sentido que o trabalho pretendeu percorrer os elementos escolhidos por Lem para descrever as inquietações sobre o destino da raça humana. Defende-se que, assim como a escolha do autor pelo gênero, o que temos com relação à hegemonia e ao sucesso da ficção científica é a constatação de que o público leitor contemporâneo assimila essa vertente literária como a mais adequada para expressar o mundo de mudanças e revoluções científicas em que vivemos hoje.

O gênero. História e conceito:

A ficção científica tem uma história difícil de pontuar, alguns críticos consideram sua gênese na obra de Mary Shelley, *Frankenstein* “O moderno Prometeu”(1818), tendo depois se desenvolvido no final do séc. 18 com Júlio Verne e H. G. Wells. Novos paradigmas foram desenvolvidos a partir dos desenvolvimentos de Edison e Nicolas Tesla, bem como a mudança dos veículos terrestres. Tais condições levaram estes precursores e percussoras a iniciar o que viria a ser a ficção científica propriamente dita. Até então eram mais deslumbres interessados a propalar as novidades do mundo científico, como defende Cunha (1995) em sua introdução:

No caso de Wells o gênio coexistia com uma visão tecnológica de voos curtos, o mesmo homem que cria a máquina do tempo acredita em bicicletas e uma forma primitiva de avião como meios de transportes finais. (CUNHA, 1995, p. 6).

Mesmo tendo os elementos que caracterizam o gênero tais obras não configuram mais ciência do que ficção como temos nas obras de Lem. As obras deste período são mais fantasia, e em algumas mais histórias de terror do que outra coisa. Francis Bacon escreveu *Atlântida* no século 17, onde propunha uma sociedade com tecnologia muito mais avançada, mas não se pode enquadrar tal obra nos gêneros de FC. Assim como Allan Poe, Tomas Moruse outros que tiveram seus temas futuristas abordados posteriormente por outros autores e autoras de uma maneira científicista. No ensaio de Allen (1995), temos uma boa definição do gênero, dialogando com Asimov:

Se uma mudança de paradigma ocorre então se criam as condições para a ficção científica (...) no que Asimov chama de avanços científicos e tecnológicos na produção de ficção. (ASIMOV apud ALLEN, 1995.p.7).

No entanto Asimov passa a fórmula de que deve haver uma convenção entre os níveis de tema e ideias, e principalmente na forma narrativa que aborde não apenas a mudança de paradigma, mas também a mudança contínua do ser humano e sua inserção e adaptação nessa nova realidade. Em sua ótica Asimov segue este raciocínio: “Ficção científica significou e significa um trabalho em progresso, continuamente registrando o processo de impacto da ciência em situações humanas” (ASIMOV apud ALLEN, 1995, P.7).

Tudo o que temos até então são em suma exemplos de precursores da FC, onde o principal era o foco no choque de realidade, e não no desenvolver do ser humano e suas relações e mudanças para inserção em novos paradigmas. Lembrando o que nos apresenta o professor L. David Allen nas suas *Categorias de Ficção Científica*; “a maioria das obras literárias deste gênero não são em nenhum modo puras” (1995. p. 18), porém, as diferenças e semelhanças de uma geração para outra são quase sempre consensuais em seus elementos principais.

Décadas depois da teoria de Einstein (1905) é que o gênero se torna ao que temos de forma concreta como Ficção Científica, o que alguns autores, como Asimov, (in: *Ficção científica na literatura*. FARIA. C.2008) tratam como “Era Dourada” entre a década de 1926 até a década de 60, esse período também é citado como geração Gernsback devido à popularização de revistas de contos de FC, editadas muitas vezes por Hugo Gernsback, cujo nome hoje representa um dos mais importantes prêmios do gênero. Foi nesse contexto que se cunhou o termo *scientifiction*, e depois *Science Fiction*. (FARIA. C.2008)

Os antecessores de que tratamos acima são os precursores da “Era Clássica”. Houve depois a mencionada “Era Dourada” e seguidamente pelas chamadas gerações *New Wave* e a *Ciberpunk*. As primeiras gerações são geralmente inseridas na divisão do gênero conhecida como “Hard”, cujas bases são invenções ou teorias das áreas da física, matemática, química, máquinas ou fórmulas mais, formas mais concretas. Já o estilo “Soft” apresenta também uma base de mudança de paradigma científico, mas não muito bem definido, quase que pressuposto, para focar mais precisamente aspectos sociológicos, linguísticos e psicológicos que se alteraram nas relações humanas. Esta vertente mais moderna é a que está mais ligada às obras de Stanislaw.

O mais importante para essa divisão é o consenso de que as obras datadas antes da Primeira Guerra (as da geração Clássica, como Verne e Wells), são no geral otimistas com a visão de sociedade do futuro, até mesmo inocentes e focadas apenas em um ponto de uma evolução da ciência (como um submarino ou uma máquina do tempo, exemplos de FC mais *hard*). Ao passo que as posteriores aos anos 50 já apresentam perspectivas apocalípticas, as frequentes *Distopias*, como Burgess e Orwell, como também atesta o artigo de Faria :

A ficção científica da Era Dourada com viagens espaciais, seres extraterrestres e mocinhos, viu surgir questões humanas mais profundas, cenários sombrios e mais pessimistas da evolução tecnológica. Destacaram-se neste período escritores como William Burroughs, J. G. Ballard, Philip K. (FARIA, C. 2008, p. 3).

Descrevem assim como foi eventualmente empregada na guerra, uma ciência usada de maneira vil a qual seria a válvula da destruição do homem pelo homem. Sem dúvida sobre o espectro cinzento e nebuloso que as pesquisas científicas feitas com cobaias humanas pelo Reich, essa mancha escura na história da ciência demarcou bem esse cisma entre a utopia tecnocêntrica e nova visão apocalíptica do futuro da ciência.

Tomamos essas notas como importantes para caracterizar melhor as obras deste trabalho e delimitar os termos visando definir os pontos de relevância nas obras de Lem. Suas obras também transitam entre as categorias de *hard* ou *soft*, algumas extrapolativas, como *Solaris* (1961), *Ciberíada* (1967), outras especulativas, a exemplo a obra *O Incrível congresso de Futurologia* (1971), mas sempre mantendo o nível dos temas e da narrativa com seriedade e verossimilhança, para não resvalar naqueles tão criticados estilos norte-americanos, como ascitada *space operas*, ou outros tipos de narrativa saturados de suspense ou horror. Não que as obras de Lem não possuam doses de momentos de suspense, mas apenas o necessário para representar o estado psíquico do ser humano no processo de inserção em realidades novas. Porém antes de falar de tais características dentro das obras selecionadas é preciso delimitar certos termos e definições.

Mas aparte a historicidade, o que é a ficção científica na literatura? Que problemas esse gênero vem nos propor a tratar sobre o futuro? Allen introduz em sua obra ‘No Mundo da Ficção Científica’:

O interesse fundamental da ficção científica encontra-se na relação entre o homem e sua tecnologia e entre o homem e o universo. A ficção científica é uma literatura de mudança e uma literatura do futuro, e embora seja tolo afirmar que a ficção científica é um gênero literário de grande importância nesta época, os aspectos da vida humana que ela considera tornam-na leitura e estudo de muito valor — pois nenhuma outra forma literária faz exatamente as mesmas coisas. (ALLEN, 1974.p 206).

Condenar uma obra literária de F.C. como marginal ou de baixa qualidade é ser reducionista, mas ainda assim é um erro recorrente, como defende Olga Guerizoli-Kempinska em sua tradução de entrevista feita com o autor em 2000:

Ainda que a recepção de sua obra seja por vezes um tanto prejudicada por sua identificação, um pouco simplória, com a literatura de ficção científica, gênero literário considerado por vários como marginal ou mesmo de má qualidade. (GUERIZOLI-KEMPINSKA.2000. p. 8).

Temos a relação de menosprezo da crítica, que na maioria das vezes sem nenhum embasamento ou estudo acadêmico não sugere os moldes da FC como literatura. Parrinder, na revista *Ciência & Educação*, apresenta uma abordagem educacional da FC, uma conceituação do gênero mais contemporânea e apropriada:

A ficção científica veio a ser reconhecida como um gênero literário distinto, em grande parte por tão insistentemente ter se ‘imposto’ como um fenômeno social. Sociólogos, psicólogos, historiadores de ideias e cientistas políticos começaram a se voltar para ela assumindo que se tratava de um importante aspecto do ‘sinal dos tempos’. Não foram seus escritores que previram a bomba atômica, o pouso na Lua, e a crescente influência da pesquisa e do desenvolvimento sobre as flutuações da política mundial? Não foi a ficção científica uma inescapável projeção de anseios e receios a respeito da direção para a qual a sociedade está se movendo? (PARRINDER, apud PIASSI & PIETROCOLA. 1980, p. 3).

Nesta perspectiva é que se encontra outra ótima definição de importância da FC, talvez ainda não aceita pelos acadêmicos mais conservadores e calcados em um passado cada vez mais distante. A literatura de FC mostra cada vez mais uma representação justa e precisa da sociedade eletrônica com o passar do tempo. Como a exemplo o próprio Lem, que previu o uso de órgãos cibernéticos e da rede mundial de comunicação. E os professores ainda completam com o caráter de funcionalidade acadêmica para a didática com relação à FC:

O gênero pode fornecer para as crianças e igualmente para os adultos uma janela para o futuro, um meio de prever como a vida poderia ser em alguma data no futuro. O estudo da história conta-nos como eventos no passado

afetaram o presente; a ficção científica nos dá uma ideia de como as decisões que fazemos agora, podem afetar nossas vidas no futuro. (NAUMAN & SHAW,apud. PIETROCOLA & PIASSI. 1994, p.18).

Essa perspectiva parece a mais adequada ao se tratar das obras de Lem, que nos desafia a imaginar o futuro em diversas possibilidades. E estas possibilidades derivadas, segundo sua visão, das péssimas escolhas e ações da humanidade. Vemos os paradigmas das obras de Lem apresentados com a razão pessimista dos grandes gênios quando descobriam a realidade de uso de suas invenções. Como Einstein ao supor uma guerra nuclear, ou Santos Dummont ao ver aviões serem usados para bombardeios. Seria o raciocínio destas experiências desencorajadoras para com a ciência que projetaria as horríveis catástrofes e distopias.

Assim como Todorov classificou o fantástico como uma literatura emancipada em *Introdução à Literatura Fantástica*, pelo fato de em si reunir várias categorias derivadas,e não poderia ser assim considerada um subgênero. Em *Microworlds* Lem também o fez no capítulo nomeado “metafantasia”. Diferente deAllen, em divisões que abordavam os quesitos de especulação e extrapolação, mas sim tendo por foco a temática do ramo científico, sendo três as suas divisões. Lem propõe primeiro o tema da superação humana de catástrofes, que seria exemplificado no Incrível Congresso de Futurologia, mais como tentativa do que em fato real. Também nesta última obra temos o exemploda segunda divisão de Lem que seria o uso de agentes químicos ou para extasiar a humanidade em colapso mantendo um falsa paz mundial (pseudo-utopia) ou odesenvolvimento de agentes farmacoquímicos como adventos bélicos, e ambos os fatos ocorrem simultaneamente no Congresso de Futurologia.“A água da torneira, naturalmente aquelas mudanças começaram a acontecer no instante em que eu bebi(...)psicotrópicos do grupo dos chamados benignizantes, que induzem estados de alegria e beatitude indiscriminadas.”(LEM, 1971 –p. 18). E seu último aspecto as possíveis descobertas derivadas das viagens espaciais, como em *Solaris*.

Creio que essas categorias de FC propostas pelo nosso autor em questão são mais simples, porém por não serem tão detalhistas, são mais adequadas num caráter geral de toda produção literária de FC. Em sua abordagem, Todorov divide a literatura fantástica com foco na ação sobrenatural e na aceitação ou rejeição do fato, e

principalmente na descrição dos momentos de hesitação frente estas ações e chega a pontuar uma comparação: “É preciso observar aqui que os melhores textos de *Science Fiction* se organizam de maneira análoga...” (TODOROV, 1939.180/181), precipitada comparação, mas parcialmente eficiente quando se tem a construção do suspense frente ao novo paradigma de realidade quando termina dizendo: “(...) os dados iniciais são sobrenaturais, os robôs, extraterrestres (...), é o leitor (aqui) e os processos de adaptação: colocado inicialmente diante de um fato sobrenatural, acaba por reconhecer sua naturalidade.”(TODOROV, 1939.180/1801).

A FC preenche então essa lacuna do fantástico que ficava em aberto, a da verossimilhança que Allen simplifica como “Basicamente, a verossimilhança pode ser definida como a qualidade de parecer real, verdadeiro ou parecido.” (1974.p. 237) Uma tênue linha divisória entre os gêneros que não permite que sejam tratadas como iguais, além de outros aspectos que singularizam a FC que trataremos adiante.

Desta forma o fundamental é ter como um gênero - ou mesmo que ainda assim definido, um subgênero - de uma totalidade dividida em várias facetas que raramente se restringiram em uma definição única, mesmo sendo possível elucidar suas diferenças entre suas temáticas. Pontuando principalmente, em nada a ficção científica de qualidade deixa a desejar aos elementos que compõem um romance de ficção tendo, aliás, vários aspectos semelhantes, com o diferencial prioritário do desenvolvimento tecnológico e científico no foco da narrativa.

Análisedas obras e seus elementos.

Quando falamos do universo de Lem vemos que seu estilo não é inclinado para a fantasia e o deslumbre de seus predecessores, mas também não tão apocalíptica como as numerosas produções de edições que se resumem a aventuras estelares de cunho bélicoem que o foco da narrativa é geralmente a superação de uma possível ameaça repelida por um líder escolhido ou um representante militar da humanidade. Sua obra trafega no interlúdio de duas eras bem distintas, impulsionada por revoluções tecnológicas de porte, como a cibernética e a energia nuclear.

As obras *Solaris* e *O Incrível Congresso de Futurologia* são escolhidas por exemplificarem dois tipos de narrativas bem diferentes em nível e crítica. A primeira mais sóbria e definida no campo da psicologia,é uma alegoria sobre o poder da criação, chegando a fazer menção a temas teológicos. A segunda mais sarcástica, com vários desdobramentos possibilitados pelo tempo em que se encontra a narrativa, é muito plural em temas de fundo e elementos alteradores da realidade como a conhecemos. Veremos também elementos da *Cyberiada*, que possui uma série de “fábulas” robóticas, que apesar de serem mais juvenis, não deixam em falta suas críticas às sociedades baseadas no potencial de armamentos e governos totalitários.

Entendemos que seja no enfrentamento com o novo paradigma que a sequência narrativa de Lem tem seu maior êxito, no que Suvin por sua vez, afirma: “Pode-se diferenciar a ficção científica pelo domínio ou hegemonia narrativa de um ‘novum’ (novidade, inovação) validado mediante a lógica cognoscitiva” (SUVIN 1984 p. 4). São várias a reações de um mesmo personagem quanto a sua realidade. Supor-se em sonho, negar tudo se achando vítima de alucinações, testar a realidade ao seu redor. “Convinha antes de qualquer coisa conceber uma experiência lógica – experimentum cruxis – que confirmasse que eu tinha me tornado verdadeiramente louco;” (LEM.1961 *Solaris*. P. 50). E esse elemento se faz presente também em *Incrível Congresso de Futurologia*:

“Maldição então ainda estou sofrendo alucinações.” (1971, p. 56). Desde a difícil negação até a possível aceitação e adaptação do ser humano ao *novum* todas as percepções giram intensamente e mudam numa velocidade incrível -assim como as mudanças tecnológicas afetam nossa realidade, na velocidade de um ‘clic’- se tem disponível toda informação desejada! Nesse turbilhão de informações novas e surreais os personagens buscam através de sua jornada reencontrar a sua lógica defasada, sua compreensão de si mesmo, o dilema socrático *gnothisauton* extrapolado para uma realidade onde é ainda mais difícil para o ser humano reconhecer-se.

Não se trata de mero espanto e estranhamento frente ao incomum, que ocorre em histórias de terror ou fantasia, mas de um -‘estranhamento que obriga a pensar no incomum como uma conjectura plausível e lógica, aplicável ao mundo fora da ficção’- (PIASSI & PIETROCOLA. 2009.p. 527). Entre as duas obras citadas temos uma direcionada à crítica sociopolítica, suas possíveis calamidades e técnicas de contenção, e a outra com um viés de especulação existencialista. Ijon, se vê no momento de transição da sociedade para um padrão único e universal delimitado por grupos específicos, como empresas farmacêuticas, que unem indústrias e Estado, e moldam a sociedade à maneira que lhes for mais cômoda para refrear o caos sociológico frente à explosão demográfica e a escassez de recursos para o planeta. E em Solaris o elemento humano é experimentado em si mesmo, e assim como Ijon, Kelvin é a “cobaia” de Lem em uma situação onde o elemento não humano (o planeta Solaris) interfere na cognoscibilidade da vida humana. No caso de Ijon a industrialização do estado por parte das empresas farmacêuticas e esta nova amálgama Estado/ciência passa a induzir o comportamento humano de todas as nações a um modelo único, totalmente e voluntariamente alienado da realidade apocalíptica ao seu redor.

Ecco usa o termo *elementos contrafactuais* para descrever esse recurso: [...] A expressão “especulação contrafactual” nos dá uma chave para caracterizar tais elementos. Contrafactual remete à contraposição de fatos [...] (ECCO. Apud. PIASSI & PIETROCOLA. 2008. p.528.). Por mesmo objeto temos o que Suvin trata como o “*novum*”, como explica em seu posfácio ‘as parábolas sem conclusões de Stanislaw Lem e “Solaris”, onde explica a relação do choque de realidade nos personagens:

Gibarian suicida-se, Sartorius refugia-se no isolamento, Snow fica mais que semiparalisado; mas o narrador-protagonista Kelvin consegue vencer e chegar a uma nova fé num “deus imperfeito”,

embora seja uma fé relativa e provisória e dolorosamente ganha.
(SUVIN. 1971. p. 205).

Em *Solaris* estes personagens voltam pra si mesmos tentando se entender dentro da nova lógica, perdidos cada um a seu modo passam a tentar decifrar qual a relação que o planeta tenta estabelecer. Intenção esta que permanece oculta o livro inteiro, apenas tendendo em alguns momentos para a ideia de cada um dos tripulantes: seriam um experimento ou um brinquedona visão de Sartorius, para Gibarian o planeta quer se vingar, e por fim Kelvin, depois de muito relutar, pensa que o planeta se compadece das condições e sentimentos humanos. Imaginar as mudanças de relação humana com seres de outro mundo ou com uma realidade arruinada é uma forma de provocar uma maneira de repensar como tratamos o mundo atual, e de elucidar também o quanto não se percebe a realidade decadente para qual rumo a humanidade, quase sem se dar conta.

Uma ressalva importante a fazer e é que novamente Lem contraria o modelo geral de FC quando trata de Vida fora do planeta Terra. A própria forma do planeta Solaris e, no início da obra, a dificuldade de todos os cientistas da solarística em definir o planeta como forma viva ou não, são os exemplos da diferença da proposta de Lem: não uma forma de vida antropomórfica como temos em geral na Literatura de FC, com ET's de corpos esguios e cabeças ovais com enormes olhos escuros, mas sim uma amostra de algo totalmente diferente, tanto quanto à forma quanto para com as intenções- Solaris não é nem ameaçador nem uma forma ingênua de extraterrestre, é o exemplo do que o futuro representa na obra: uma incógnita.

A questão da incógnita também surge quando se trata da transposição das suas obras para o cinema que, de acordo com Lem, não tinham a mesma linha de abrangência interpretativa do livro, que traz sempre um caráter de parábola, a fim de apresentar várias formas interpretativas. Segundo o autor algo que o cinema não pôde fazer, limitando assim a obra cinematográfica a uma interpretação fechada ao arbítrio do diretor.

Lem é famoso por seu senso de detalhe e precisão na descrição de ambientes e personagens, em arrojadas invenções linguísticas e neologismos. Existem também outros elementos de efeito, como o toque do real na percepção dos personagens que também são formadores da verossimilhança, num jogo narrativo de profunda maestria, como exemplifica esse recurso no questionamento do personagem Tichy; “ninguém ali no salão, além de mim, percebia a gravidade da situação além das paredes do

hotel.”(LEM. 1971. p 26). Sempre presente para manter a verossimilhança que também atribui à obra um conceito mais palpável, o fazem também as descrições de sensação, como a descrição de aparelhos de vôo espacial com foco no enjôo de Kelvin ao sair da cápsula antigravitacional em:“A cápsula está pousada.Fim. Eu sentia uma vaga pressão no peito e as vísceras pesavam desagradavelmente”(LEM. 1971.p.8).

Sobre a precisão dos detalhes nos fala o professor José Sanz que buscou em sua tradução de *Solaris* encontrar os termos para elencar o que chamou de *Tragédia Científica*. No prefácio da obra Sanz sustenta que a maior tragédia dos personagens é não conseguir ultrapassar o limite de suas imaginações: “Stanislaw Lem descreve essa tragédia com um rigor científico integral, um admirável senso de detalhe e um profundo sentimento de piedade.” (SANZ in LEM . 1971. p.12). Nada mais pessimista do que ter piedade do futuro da humanidade, mas desfecho trágico mostra esse pessimismo. Temos, em concordância, a perspectiva deste pessimismo em História da Literatura Polonesa:

A visão do futuro de Lem é bastante pessimista, pois o homem, segundo ele, tem pouca chance de evitar a catástrofe da autodestruição e da destruição da natureza. A chance é pequena devido ao imenso arsenal nuclear. Mas a transformação do meio ambiente, que traz grandes perigos, representa também a única possibilidade de transformação da nossa espécie.(SIEWIERSKI, 2000 p. 215).

Ao mesmo termo *tragédia*, Suvin se refere e escreve no posfácio da mesma obra, intitulado “As parábolas sem conclusões de Stanislaw Lem e *Solaris*”:

A ciência da solarística, como a busca do Graal do “Santo Contato” entre civilizações cósmicas, foi uma tragédia de erros, ainda que o verdadeiro Santo Contato entre personalidades profanas, embora não rebaixadas, como Kelvin e Rheyta, ainda seja possível. (SUVIN in LEM., 1986 p. 206).

Este trecho abarca uma diferença intrigante na obra de Lem que foge à dualidade das obras de FC entre explicar ou não seus elementos divergentes da realidade. Em *Solaris* de tantos estudos sobre a ‘solarística’ que são lidos por Kelvin, o leitor chega à conclusão de que, mesmo que houvesse uma explicação plausível sobre o planeta, esta estaria fora do alcance da razão humana. Um debate interno do narrador que, depois de

ciente de sua cognoscibilidade limitada, questiona se sobre a vida, sobre Deus, sobre o amor, e suas respostas são, como nomeado por Suvin, milagres cruéis.

A maneira de arquitetar essa atmosfera de assombro trágico (que impossibilita a previsão de reações), é feita pela técnica precisa de um autor digno de prêmio Nobel segundo foi publicado no jornal *The Californian* “Se ele não for indicado ao Nobel será por que alguém contou aos jurados que ele escreve ficção científica”, que sabidamente não possui espaço para a FC no prêmio de literatura. Stanislaw Lem parece não se preocupar e faz até escárnio ao escrever: “Na esquina de minha rua fica o Centro de Registro de Candidatos Auto-Designados ao Prêmio Nobel”. (LEM. 1971p. 66), como se o preciosismo de gêneros para a premiação tivesse fadado a um futuro frívolo e banalizado.

Lem expressa de forma magistral antes de tudo como o despreparo quanto ao futuro pode levar a sociedade a catástrofes e com a formação de impérios totalitaristas supercontroladores, ou individualmente à loucura, como novamente pontua em exato Darko Suvin: “Os grandes romances de Lem encerram, em seu núcleo cognitivo, a compreensão simples e difícil de que nenhum sistema de referência fechado é viável na era da teoria da reatividade e das ciências pós-cibernéticas” (SUVIN in LEM. 1986 p.206). E Suvin ainda enfatiza o caráter heterogêneo das grandes obras de Lem quanto aos autores citados no início deste trabalho sobre as perspectivas de melhoria do modelo de vida pelas evoluções tecnológicas. Cremos que na definição que segue ele demonstre o poder da dialética de Lem na sua visão sobre o futuro da humanidade:

As ciências modernas são ilimitadas, e a *antecipação* na nossa era será tanto mais significativa quanto mais claramente rejeitar tanto a utopia clássica tipo Platão-More, quanto à antiga distopia da moda do tipo Huxley-Orwell (...) à velha antinomia do otimismo fácil ou do desespero cínico. (SUVIN in LEM.1986 p. 207).

O Não o bastante Suvin arremata sua crítica no final da obra sobre a qual traça uma descrição semelhante à que o próprio Lem encerra sobre a pouca produção de literatura de F.C. em sua época ao criticar a falta de compromisso dos escritores quanto à crítica de ética na ciência e seus usos elitizados ou para fins meramente comerciais:

O lugar único de Lem na Ficção Científica deve-se ao seu gênio pessoal em fundir a esperança viva com a experiência amarga, a

visão de uma estrada aberta para o futuro com a visão de perigos certos e de possíveis derrotas inseparáveis do risco de fraqueza. Este ângulo de dupla visão subverte tanto a abordagem do “inferno cômico” da maior parte da produção de ficção científica americana, quanto à utopia determinista de grande parte da ficção científica soviética. (SUVIN in LEM, 1961 p. 208).

Esta dicotomia que empobrece o gênero e que no caso abordado é clara exceção a este modelo, pois que o presente autor além de romances escreveu uma série de ensaios criticando o que ele considerava a pobreza intelectual e ingenuidade sociológica justamente se opondo à falta aproveitamento das possibilidades da FC para criticar a elitização de recursos, ou o mau uso da ciência. Lem publicou inúmeros artigos em revistas acadêmicas, tais como *Estudos de ficção científica* com argumentos densos sobre como a FC não estava conseguindo cumprir o seu potencial, além de produzir textos dramáticos satíricos, contos de fada e críticas de teoria literária. E em *Microworlds* autor contrapôs algumas questões das suas obras anteriores, e incluiu também o seguinte argumento crítico quanto às suas obras mais antigas: “Com base nesta leitura (*Zycie Nauki* (The Life of Science), escrevi aos meus romances que eu ainda posso reconhecer sem vergonha – *Éden* (1965), *Solaris* (1961), *O invencível* (1964), etc.)” (1985, p. 12). O autor tornou-se mais pessimista quanto à produção de literatura de FC em geral, mas ainda assim dedicado a definir sua visão do gênero enquanto possuidor da capacidade e do dever de criticar a ética na tecnologia. Por fim completa: “Eles (seus últimos romances) incorporam problemas cognitivos em ficções que não simplificam o mundo, assim como meus primeiros” (LEM. 1985 p. 12).

Novamente reiteramos que ao imergir na atmosfera narrativa de *Solaris*, o importante não é unicamente a aceitação de Kelvin, que em sua consciência abalada por um amor profano por um simulacro estende a mão para formas plasmáticas do planeta como o Adão de Michelangelo. Ou o contrário como o caso do ataque de fúria de Ijon ao descobrir os mentores da farsa mundial da realidade controlada por drogas alucinógenas. A meta é o vislumbre das possibilidades, suas dimensões praticamente imprevisíveis e os resultados de cada escolha, seja ela a aceitação da nova realidade provocada pelo ‘*novum*’ ou a negação categórica de uma pseudo-utopia, tudo depende da personalidade do personagem.

Como já citado sobre a obra *Microworlds* o autor separou as obras de FC em três categorias. A primeira centrada desenvolvimentos da tecnociência, seguidamente a temática da dominação psicotrópica e, por último, viagens ao espaço e seus desdobramentos quanto ao Tempo. Como aponta Roger Dutra em seu artigo sobre a alegoria do ciborgue e sua importância para exemplificar a relações homem-máquina da contemporaneidade:

Já o ciborgue de Stanislaw Lem não é metafórico. Para ele, a ciborguização do homem seria o resultado de uma necessidade futura: consumidos todos os recursos materiais da Terra, a humanidade se veria na obrigação de converter todo o cosmo em um “nicho ecológico”(DUTRA. 2008, pg. 5).

Lem considera a ciborguização não só viável como futuramente necessária, como vemos em *O Incrível Congresso de Futurologia*: “E ele tinha do lado esquerdo do torso uma película de plástico leitoso através da qual se viam as batidas espasmódicas negro-azuladas de um coração cheio de costuras e pontos metálicos”. (LEM 1971, p. 128/126) e com esta “alegoria” analisada por este viés de realidade plausível, com a mecanização do ser humano como o futuro das relações homem-máquina, temos o exemplo da primeira categoria de FC proposta, por um lado a solução de várias doenças, por outro esta realidade possivelmente produtiva sendo ambas abordadas em um caráter existencial de rejeição ao modelo de ciborgue, lúgubre e destinado a manter uma vida artificial, que é apresentada com a acidez anti-humanista da ironia de Lem quanto à humanidade, uma visão já não mais empolgada com as possíveis evoluções tecnológicas e a esperança que delas emanava no início de sua produção literária. Assim vemos que as categorias de FC podem apresentar-se separadamente ou não.

Em sua entrevista feita por Jacek Żakowski, o autor menciona sua interpretação sobre essa mudança pessoal que reflete a mudança na FC de antes dos anos 60 para as novas expressões de contestação da humanidade, como as mais recentes e variadas formas de distopias. Sobre isso cita: “Futuro consiste no fato de que “tudo é diferente”, diferente do que imaginamos. E de fato é assim. Só que diferente não significa nem mais maravilhoso nem mais terrível. Apenas diferente”. Por fim, conclui de maneira fatalista sua visão sobre o futuro da humanidade: “Não é possível imaginar qualquer harmonia

durável numa civilização que se desenvolve numa velocidade como a da nossa” (LEM. 2000.p.6).

Sobre essa velocidade com a qual a nossa sociedade se desenvolve, pode realmente não haver harmonia, mas sem dúvida que, assim como quando se desenvolveu o alfabeto fenício e tivemos a primeira revolução da comunicação retratada nas tragédias e comédias gregas posteriormente no séc. XVII a cultura livresca dos monges nos mosteiros e a futura invenção da imprensa consolidaram a segunda revolução, temos uma literatura também marcada pelo fabulosos, a FC define perfeitamente a terceira grande revolução das comunicações que estamos presenciando nesta era. E como em todas as outras será um processo lento de adaptação, processo muito bem descrito tanto pelos romances de Lem quanto em seus ensaios.

Essa ideia é bem representada no posfácio de Darko Suvin, que nos expõe uma análise minuciosa dos elementos de Solaris e outras obras de Lem. Nele pode-se ler o melhor critério de seleção do gênero pelo autor:

Lem é antes de tudo um escritor que escolheu a ficção científica por ser potencialmente adequada às suas preocupações e elevou-a à dignidade de um estilo literário superior[...] sua preocupação a respeito do poder destrutivo da ciência quando usada de modo irracional. (SUVIN in LEM. 1986, p.203)

Lem considera a FC uma forma documentada de experimento mental, assim seus livros são experiências científicas onde se testam os limites humanos. Esse é o objetivo para com o leitor ou leitora e sua consistência literária de ideias sobre o futuro, experimentando, por assim dizer, os seus personagens em situações caóticas que façam se julgar sobre pontos de vista não antes experimentados sem o advento da Ficção científica, e nesse processo também o leitor entra em autoavaliação como os personagens em suas fraquezas e desafios. Cabe ao fim desta parte citar um trecho sugerido por Suvin que caracterizaria a autocrítica dos personagens feita em Solaris:“Podemos observar, como se através de um microscópio, a fealdade monstruosa que há em nós próprios, a nossa loucura, a nossa vergonha!”, proclama um dos companheiros de sofrimento de Kelvin. (SUVIN in LEM.1971, p 205).

Considerações Finais.

Pensar o futuro e apresentá-lo de uma maneira literariamente agradável não é simples, diversas edições do gênero apenas depreciam a qualidade literária que alguns poucos autores alcançaram – afinal, FC de qualidade é cientificamente interessante não porque fala de prodígios tecnológicos, mas porque se apresenta como um jogo narrativo sobre a própria essência de toda a ciência. E vai além de experimentar os limites da ciência, experimenta os limites do ser humano em condições diferentes da nossa realidade.

As contribuições de Lem vão além da crítica severa que faz aos autores que ainda confundem este estilo de aventuras simplórias com armas laser e explosões nucleares, suas obras são o exemplo do rumo que a literatura de FC deveria tomar. E, ao mesmo tempo que a realidade das obras nos mostra um caminho que a ciência não deve seguir, segundo a perspectiva de futuro traçada por Lem. Se a ciência seguir pelos rumos da elitização do conhecimento, servindo apenas como suporte à vida de uma minoria no mundo, o final não pode deixar de ser um cataclismo. Por mais cruel que seja “experimentar” o sentimento humano em uma distopia, é somente por esta via que se adverte a humanidade dos futuros problemas que as decisões do presente acarretarão.

Estas possibilidades são simbolizadas nas alegorias de pseudo-utopias e distopias frequentes nas obras analisadas, sejam aceitas pelo personagem como em *Solaris* ou repudiadas como o exemplo de Ijon no *Incrível Congresso de Futurologia*. As alegorias aparecem como forma de mostrar o quanto se pode ter de mudanças e o quanto serão difíceis os processos de adaptação e aceitação - quase como aceitar como realidade o que antes era visto como fantástico - e principalmente atentar defender o argumento de que toda grande mudança tende a ser mal empregada e conseqüentemente o que seria utopia torna-se veículo de manutenção do poder por grupos totalitaristas.

A fantasia, bem como a FC, surgem da inquietação humana pela distância entre o mundo real e o ideal assim como da vontade de completa-lo ou alertar sobre o futuro. Lem conseguiu principalmente, além de todos os pontos citados no decorrer das análises das obras, formar uma narrativa de equilíbrio entre o deslumbre dos percussores e a banalização das produções em massa da sua geração. Um equilíbrio também entre a utopia e o apocalipse, a incognoscibilidade do futuro imaginado por ele produz uma

infinidade de quebra de paradigmas sóciais e psicológicos, e experimentando não apenas os limites da ciência, mas os do próprio ser humano de uma maneira jamais imaginada.

Esta presente também a metacrítica da FC, como de romances de cavalaria em Dom Quixote (CERVANTES, 1605) e das noveletas em Madame Bovary (FLAUBERT, 1857), que fomentaram a formação destes clássicos. Assim como nas referidas obras, o mesmo o fez Lem, ao ironizar e criticar o militarismo e heroísmo das *spaces operas* e romances FC. Sobre isso comenta David Seed:

Lem criou seu cosmonauta Ijon Tichy, que descreve suas experiências de lapsos de tempo, reuniões galácticas administrativas e aventuras em outros planetas em uma prosa apática e discreta que implicitamente satiriza todo aquele desejo pela ação heroica na *space opera*. (SEED, 2011 p.15).

Esta quebra de modelo se encontra não apenas nas narrativas de Tichy, ou na descrição de Solaris, mas principalmente na desconstrução do molde de FC baseado em conquistar ou ser conquistado pelos personagens da nova realidade. Seus personagens procuram entendimento, mesmo que não o encontrem, e não o embate militarista e maniqueísta tão comum nas obras de FC norte-americanas. Como defende em *Microworlds*: “Existe uma pequena sala para o pensamento criativo que deseja trabalhar com os problemas do nosso tempo sem mistificação, simplificação ou entreterimento fácil” (LEM, 1896.p.130). Lem se destaca do *main stream* norte-americano (com exceção de K. Dick, como explica em *Um visionário Entre Charlatões*, 1986.p 125. opcit.) por defender a função crítica da FC quanto à ética e filosofia da ciência.

Em aspectos de ruptura com as correntes, Lem se destaca e ainda assim mantém uma narrativa por vezes consonante com o período, como afirmou Darko Suvin em seu texto *As parábolas sem conclusão de Lem e Solaris* (1961). Ao tratar simbolicamente as questões religiosas Lem escreve em alegorias dúbias e múltiplas (abordagem conhecida como *Panóptica*), deixando ao leitor e leitora inúmeras possibilidades de interpretação, como também o fez Kubrick na direção do clássico de Arthur C. Clarke *2001 uma Odisséia no Espaço* (1968): O simbolismo espiritual do filme foi deixado deliberadamente vago para permitir que os espectadores projetar as suas interpretações sobre a mesma. (SEED, 2001 p.20). Sobre essa atmosfera multidimensional e indeterminada temos a mesma ótica em *Microworlds*: “O leitor, no

ato da leitura, reencontre o trabalho (do autor) em uma tentativa de explicá-lo [...] O único problema é que esses trabalhos, como manchas de um teste *Rorschach* não possuem interpretações “verdadeiras”(LEM, 1986.p.189).

Na mesma obra, Seed cita Lem, juntamente com Suvin, como um dos maiores críticos da FC de paródia, ou seja, além de sua enorme produção e qualidade da mesma. Lem ainda teria contribuído na formação de estudos direcionados à FC, ajudando a consolidar o gênero, classificando categorias, elementos e obras de relevância. Considerando essa união de produção crítica pioneira e da qualidade das obras literárias de Lem com seus elementos citados no presente trabalho é que se encontra o imenso legado deixado para a FC como literatura propriamente dita. Não só nas meticolosas descrições de ambiente, na verossimilhança da narrativa e outros tantos exemplos do singularidade de Lem, mas também na exposição e tratamento destes elementos como quem fala de instrumentos de um laboratório, onde o experimento são os limites da psique humana.

Bibliografia:

SEED, David. SCIENCE FICTION, *A very short introduction*. Oxford University press.2011. 161 páginas. (www.oup.com/vsi/)

LEM, Stanislaw. *Solaris*, 1961. Tradução: Reinaldo Guarany. Ed. Círculo do Livro, São Paulo SP, 1986 Número de páginas: 210. Posfácio de Darko Suvin.

ALLEN, David. L. *No Mundo da Ficção Científica*. São Paulo: Summus Editorial, 1974.

LEM, Stanislaw. *Solaris*, 1961. Tradução José Sanz. Editora Sabiá, Rio de Janeiro, RJ. Edição de 1971. 198 páginas.

LEM, Stanislaw. *O Incrível Congresso de Futurologia -Das Memórias de Ijon Tichy-* 1971-Título original: “Kongres Futurologiczny”. Tradução Donaldson M, Gascagen - Ed. Nova Fornteira. RJ, ed. de 1977, 140 p.

TODOROV, Tzvetan: *Introdução à Literatura Fantástica*, editora Perspectiva SP. Trad. Maria clara Corrêa. 1939 - edição de 1992.

SIEWIESRKI, Henryk. *História da Literatura Polonesa*, Editora UnB. 2000. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado.

CUNHA, Fausto; *Antologia do espaço- As grandes histórias da FC*. Ed. Cátedra/Tempo e espaço. Rio de Janeiro RJ- 1995.

Bibliografia complementar:

LEM, Stanislaw. *Microworlds*. 1984 by *Harcourt Brace Jovanovich, Inc.* Ed. Orlando, Florida, HBJ ed. 1986. <http://pt.scribd.com/doc/101615220/Microworlds>

<http://www.lem.pl/> - Site oficial do autor.

LEM, Stanislaw. *Cyberiada*. 1965. Trad. Jadwiga Maurizio. Editorial Bruguera, S.A. – Barcelona, ed. 1979. Em: http://www.4shared.com/rar/-06wFs-N/Lem_Stanisaw_-_Cyberiada__doc_.html

ŻAKOWSK, Jacek- Entrevista feita em 2000 para Gazeta Wyborcza. *A Razão Pessimista: Macaco de Viagem* – Entrevista com Stanislaw Lem. Tradução de Olga Guerizoli-Kempinska. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. www.revistafenix.pro.br/PDF7/01%20ARTIGO%20%20ENTREVISTA%20COM%20STANISLAW%20LEM.pdf

DUTRA, Roger Andrade. *As Teorias do Ciborgue: O maquínico e o humano em Stanislaw Lem e Donna Haraway*. Mestre e doutor em História Social pela PUC-SP, hoje leciona no CEFET-MG. Em: www.revistacts.net/files/Volumen%207%20.../dutra.pdf

PIASSI, Luís Paulo & PIETROCOLA, Maurício. “De olho no futuro: Ficção Científica para Debater Questões de sociopolíticas de ciência e Tecnologia em Sala de Aula.” – Revista ciência & ensino, 2007. Unicamp, SP. <http://www.ige.unicamp.br/ojs/index.php/cienciaeensino/article/view/126/103>

PIASSI, Luís Paulo & PIETROCOLA, Maurício. Ficção científica e ensino de ciências: para além do método de ‘encontrar erros em filmes’; USP 2009. www.scielo.br/pdf/ep/v35n3/08.pdf

FONSECA, Carolina. Artigo: *Ficção Científica na Literatura*. Publicado em julho 2008. Em: www.infoescola.com/literatura/ficcao-cientifica2/

2001: UMA ODISSÉIA no Espaço. Direção: Stanley Kubrick. UK/USA: Warner Home Video. 1968. 1 DVD, 142 min.